

8

Churrasco africano

No conto “O churrasco”, a ironia consiste basicamente na forma sarcástica com que o autor aborda a relação violentador-violentado na trajetória de enriquecimento do colono Correia. Com a ridicularização do colonizador, Manuel Rui se vale do que considera a pior forma de agressão possível.¹⁷¹

A partir de uma “carta de chamada”, enviada pelo personagem Claudino ao personagem Correia, em 1940, o autor explora a ignorância deste colono, a fim de compor uma crítica ao seu comportamento:

Os negros na estiva, as mulheres negras envoltas em panos, o vestuário dos brancos e mestiços – estava em África. África para ele ilocalizável na geografia e na história. Se lhe perguntassem de que bandas largara ferro, se norte, sul, este ou oeste, não iria além da reprodução imprecisa da viagem de burro da aldeia à linha de caminho de ferro.

Com os pés em África, sem saber identificá-la num simples mapa-mundo. Podia ter descido na América, na Ásia ou no Pólo Norte. Desconhecendo a própria palavra Europa, porque o seu continente, a sua geografia e história circunscreviam-se ao nascer e pôr-do-sol da aldeia beiroa. Longe? Perto? Tão próxima e tão distante como o espaço e o tempo que o separavam do comboio, do barco e do mar.¹⁷²

Correia é apresentado como alguém que nem ao menos sabia que posição ocupava naquela terra, não sabia nem qual era a sua posição no sistema colonial:

Em África não há mãos a medir, palavras do Claudino. Atacou um saco com determinação, num apelo às forças acumuladas no navio dispunha-se a trabalhar desde a primeira hora. Se a questão era suor, pingaria até ao sangue para abanar a árvore das patacas.

Outro saco.

– Ó homem, você não está bom da cabeça. A viagem transtornou-o. Um branco a carregar sacos! Acabe com isso. Aqui esse serviço é prá negralhada. Esse e muito mais. A não ser assim, perdíamos o respeito.¹⁷³

¹⁷¹ RUI, Manuel. In: LABAN, Michel. “Encontro com Manuel Rui. (Luanda, 23/4/1988)”. *Angola: Encontro com Escritores*. Porto: Fundação Eng. António de Almeida. II Volume. p. 720.

¹⁷² Id. “O churrasco”. In: ---. *Regresso Adiado* (contos). 2ª ed. Lisboa/Luanda: Edições 70, 1977, p. 130-131.

¹⁷³ *Ibid.*, p. 132.

Correia não percebe sua condição de colonizador, parece não ter consciência do sistema que o coloca numa posição privilegiada. Deste modo, a alienação e a estupidez são as marcas desse personagem.

É no diálogo entre os dois colonos que Manuel Rui deixa fluir, através do humor, toda a crítica à ingenuidade de Correia. Como, por exemplo, na passagem em que os dois entram no carro. Logo ao se posicionarem, Claudino percebeu que Correia se acomodou na carroceria junto aos ajudantes, imitando-os. Reação que arrebatava comentários cômicos de Claudino que retratam toda a sua irritação em relação à falta de inteligência do português:

- Ó Correia, é de mais. Você vai na cabina. Valha-me Deus!
- Aonde, senhor Claudino?
- Na cabina. Não sabe o que é? Aqui pelo lado.¹⁷⁴

Nesse momento, Claudino comenta que Correia lembra-lhe uns boers que compraram “uma camioneta novinha em folha, aqui no Lobito, e foram em primeira até Ganda.”¹⁷⁵. Porém, a ridicularização não fica restrita a Correia. O narrador consegue expandir essa forma peculiar de agressão, mas, é através da voz de Claudino que vamos tomando conhecimento dos atos curiosos de que alguns colonos são capazes:

- O Gaspar, que você há de conhecer, mandou-o vir, e no dia da chegada do navio pernoitaram cá. À noite estavam no bar do Simões e o ajudante apareceu a avisá-lo de que a caminhoneta estava fechada e tinha as luzes acesas. O Gaspar deu as chaves ao empregado para ir apagar as luzes. E o labrego foi à caminhoneta e pôs-se a assoprar nos faróis. O ajudante a apreciar. Que vergonha, para um branco! Depois os pretos passavam pelo empregado do Gaspar, riam-se e assopravam. Parece mentira, mas vendo-a pelo mesmo preço.¹⁷⁶

Aos poucos, os colonos foram aumentando a comicidade nas brincadeiras e, conseqüentemente, a ridicularização também foi aumentando. “Nos largos meses que se seguiram os colonos acicataram-se para brincadeiras mais hilariantes”¹⁷⁷:

¹⁷⁴ Ibid, p 133.

¹⁷⁵ Ibid.

¹⁷⁶ Ibid., p 134.

¹⁷⁷ Ibid., p 135.

Instigaram a vítima para uma caçada aos gambuzinos. Espécie de pássaro meio cão, de penas douradas e pêlo avermelhado. Com rabo de peixe. Que sem latir ou piar se aninhava nos capinzais mais densos nas noites sem ponta de luar. Formou-se a comitiva com o Correia destacado, munido de uma gaiola sem fundo, pronto a surpreender os gambuzinos no aconchego do capim. Senhor do seu papel, o bobo previamente treinado, a cada aviso de “olha um”, e ao tempo em que o responsável pelo farolim focava, atirava-se para o chão em mergulho aparatoso. “Levante a gaiola só um bocadinho”. “Fugiu, ó Correia”. Simulava a claque, reprimindo o riso. E o pacóvio, com os joelhos em ferida, mordida-se, inferiorizado, sem desistir. Nem um só gambuzino enxergava. Os outros viam porque fossavam em África há muitos anos. Tinha de se iniciar. “Ninguém nasce ensinado, ó Correia. Sente-se o cheiro, andam por aqui”. Lançava-se ao chão. (...) Cinco vezes foi Correia aos gambuzinhos e para cúmulo, não fosse passar por tanso, uma manhã na loja, à hora da permuta com os pretos, descreveu um gambuzinho ao patrão.¹⁷⁸

Correia, descrito pelo narrador como “colono noviço e ignorante”¹⁷⁹, era uma espécie de bobo da corte. Contudo, pelo menos os bobos da corte sabiam sua função, Correia não. Ele era ridicularizado e nem ao menos tinha consciência disso:

Correia, pessoa insubstituível para os europeus da Ganda. Circo ou feira para matança do tempo nas horas de lazer. Primeira sala de espetáculos que a Ganda conheceu, ao ar livre como os gambuzinos. Gambuzino de uma só cor, branco-vermelhusco, rechonchudo, de cabelos lisos, que as companheiras dos colonos principiaram a esboçar com humor de desforra. Escutavam na cama os desabafos dos patrões, as cenas do branco novo, e de dia, aos serviçais e aos negros que vinham negociar, comunicavam a camelice do Correia, que por companheirismo de desgraça passou a merecer dos africanos uma vênha singular, uma sinceridade e graça especial na amostragem dos dentes. E a loja do Claudino tornava-se pequena para gente e mais gente que despejava quindas na balança. (...) Correia emprestara à Ganda, com a sua ingenuidade sadia, momentos inolvidáveis de riso e camaradagem que ajudavam a consolidar a unidade dos colonos. Aplaudiram, brindaram, “hipipehurra”.¹⁸⁰

Devido à singular estupidez, Correia acabou conquistando a simpatia não apenas dos colonos, mas também dos africanos. Tornou-se um branco que inspirava confiança aos negros.

Entretanto, o recruta não perdia tempo. Utilizava com mestria o metro de oitenta centímetros, firmando com o polegar a ponta da peça de pintado e manejando com rapidez da esquerda para a direita, na seqüência dos metros, poupava em cada de oitenta mais de dez.

¹⁷⁸ Ibid., p. 135-136.

¹⁷⁹ Ibid., p 134.

¹⁸⁰ Ibid., p 136-139.

Babava-se o Claudino. O candidato, com aquelas mãos de cepo, enconchadas à medida do cabo de uma enxada, aplicava-se de alma e coração às artes do comércio colonial.¹⁸¹

A partir desse momento, outras características de Correia vão sendo inseridas. O colono começa a demonstrar inclinação para a trapaça e para a capacidade de enganar os negros, que se desarmaram ao deparar-se com um branco aparentemente inofensivo. Tal comportamento impulsionou seu crescimento financeiro. Apesar da inocência que o tornava uma figura quase caricata, sua astúcia aos poucos vai se estendendo também ao relacionamento com os brancos, principalmente com Claudino:

Acendeu o candeeiro a petróleo e deitou-se a matutar projetos. Roeu unhas. Tinham feito dele um pato, amolgado o seu orgulho. Mas dessem tempo ao tempo. Iam ver a categoria do homem que ali estava. Desafiava-os! Para já, a primeira vez que pilotasse a caminhoneta até ao Lobito, ia e vinha com a primeira no bolso. Não era bôer! Sabia tudo. Gambuzinos, ananases, conduzir uma caminhoneta, servir-se de uma negra só por meia dúzia de missangas e, o mais importante: tinha olho para o negócio. O patrão era uma bestaça. Nem contava o dinheiro do cofre sempre à mão de semear. A preta é que era estúpida, senão enchia-se de notas. O patrão. O patrão ou sócio, tanto fazia. Abriu os braços em pose jaculatória. Gambuzinos eram todos eles! Estava mais do que desemburrado. Tinha África nas palmas das mãos. Numa o Claudino. Noutra os pretos.¹⁸²

Em “O churrasco” percebemos que não existe, como está exposto no estudo de Renate Zahar:

bons nem maus colonizadores, sendo-lhes o seu comportamento prescrito pela sua função no processo de produção. Mesmo o recém-chegado da metrópole não tarda a dar-se conta das causas do seu bem-estar relativo, ao tomar consciência da relação que existe entre os seus privilégios e a miséria dos colonizados. Ele encontra-se, por essa mesma razão, num dos pratos da balança, o que se opõe ao do colonizado.¹⁸³

Correia aparentemente era sempre enganado pelos demais colonos, mas assim como fazia com os negros, muitas vezes, se beneficiava desse jeito inocente para roubá-los e enriquecer. Com isso, o escárnio presente nesse texto acaba se estendendo aos outros colonizadores.

¹⁸¹ Ibid., p 137.

¹⁸² Ibid., p 139.

¹⁸³ ZAHAR, Renate. op. cit., p. 59.

Manuel Rui, em “O churrasco”, por meio da ridicularização dos colonos constrói uma narrativa permeada de humor. Ao desfazer a imagem séria e superior do colonizador, o escritor agride, ou revida a agressão. Compondo um texto baseado na estratégia que ele acredita ser a melhor atitude contra o violentador.